



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KALINE XAVIER SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL: uma ação pedagógica na escola

**GUARABIRA - PB
2014**

KALINE XAVIER SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL: uma ação pedagógica na escola

Artigo Científico de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Bacharel/Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Esp. Rônia Galdino da Costa.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Kaline Xavier
Educação sexual: [manuscrito] : uma ação pedagógica na escola / Kaline Xavier Silva. - 2014.
15 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa.,
Departamento de Educação".

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Educação sexual. I. Título.
21. ed. CDD 372.372

KALINE XAVIER SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL: uma ação pedagógica na escola

Aprovado em: 23/07/2014

Rônia Galdino da Costa

Prof^ª Especialista Rônia Galdino da Costa/UEPB
Orientadora

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Ms. Azemar dos Santos Júnior/UEPB
Examinador

Rosilene Appito da Silva Larena

Prof.^a Ms Rosilene H. Pinto da Silva Larena/UEPB
Examinadora

EDUCAÇÃO SEXUAL: uma ação pedagógica na escola

SILVA, Kaline Xavier

RESUMO

A questão da sexualidade é algo muito presente em nossas salas de aula, com um afloramento precoce e desvirtuado de nossas crianças no tocante as questões inerentes a esse tema. Em relação à Educação Sexual, a inclusão desse tema nos currículos, se deu na década de 1990, quando as escolas são “convocadas” a tratar das relações que envolvem a sexualidade e o gênero. O presente artigo teve como objetivo identificar a evolução da educação sexual no âmbito educacional. Utilizamos como metodologia uma pesquisa bibliográfica, que nos possibilitou um maior esclarecimento em relação às principais dúvidas teóricas sobre essas questões. Entretanto, o caráter do trabalho realizado nos permitiu apresentar conclusões, e os dados e análises que desenvolvemos demonstram a precariedade com que a educação sexual tem chegado ao cotidiano das escolas e a necessidade de novos estudos sobre a questão, sendo de certa forma ainda pouco trabalhada mesmo que seja de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Educação Sexual.

1 INTRODUÇÃO

Desde o final da década de 1970 do século passado, percebe-se uma ampla produção acadêmica, que nos alerta para a impossibilidade de se ignorar uma educação sexual onde se inclui os conceitos de gênero e sexualidade e outros temas. Os diversos estudos sobre sexualidade, realizados por autores de nacionalidades diferentes, vem construindo uma compreensão para esse fenômeno, numa perspectiva que aborda não só as relações de sexualidade e gênero, mais também a sua relação com questões como raça/etnia, classe, geração, nacionalidade, religião, dentre outras.

A partir da nossa prática cotidiana como educadores do ensino fundamental, partimos das hipóteses de que há na atualidade uma banalização da sexualidade entre as crianças em virtude do contexto social em que estão inseridas e que de alguma forma a televisão tem contribuído para essa banalização. Percebe-se uma acentuada precocidade no descobrimento da sexualidade em crianças e

adolescentes, interferindo diretamente no processo de ensino e aprendizagem dessas crianças e no seu convívio social.

Apesar de ocorrerem alguns questionamentos sobre a forma com que a sexualidade é negada na nossa sociedade, a verdade é que mesmo entre nós educadores não há um consenso sobre a importância da sexualidade em sala de aula. Embora seja negligenciada o conteúdo é obrigatório.

Esse artigo tem como objetivo geral identificar a evolução da educação sexual no âmbito educacional, a partir de uma reflexão sobre a produção científica em torno da questão da educação sexual. Para isso, faremos um breve histórico sobre como surgiu a Educação Sexual e como ela se encontra hoje em nossa sociedade. Identificaremos qual a proposta pedagógica, ou seja, como as escolas tem lidado com os preconceitos para trabalhar esse tema e as dificuldades reais existentes em se implantar uma Educação Sexual, como proposta pedagógica.

A inquietação que me levou a estudar essa temática foi baseada na realidade do cotidiano escolar que tenho vivido à quatro anos, presenciando situações constrangedoras que envolvem temas dentro da sexualidade e que despertou o anseio por uma reflexão acerca de propostas pedagógicas baseadas numa Educação Sexual que viesse auxiliar a comunidade escolar. Quanto à relevância do nosso estudo, consideramos mais do que oportuno refletirmos sobre essa temática, dada a banalização com que vivenciamos essa questão em nossa sociedade, já que a demanda de DST's, gravidez precoce, abortos clandestinos, dentre outros, gritam seu aumento nas pesquisas, com uma antecipação prematura da vida sexual de nossas crianças e adolescentes de forma irresponsável, e suas consequências, comprometendo de forma decisiva no seu desenvolvimento psicossocial.

A Metodologia do nosso estudo foi uma pesquisa bibliográfica, assim, na primeira parte deste artigo, fazemos uma abordagem em torno da Educação Sexual, apresentando o seu surgimento e sua aplicação no cotidiano da educação. Segunda parte, fazemos algumas considerações a cerca da sexualidade, apontando para aspectos que lhes são próprios e que a diferenciam da questão de gênero. Na terceira parte apresentamos um pouco de como a educação sexual vem sendo trabalhada no âmbito da escola, em especial as da rede pública a qual temos uma maior proximidade.

2. EDUCAÇÃO SEXUAL

Procurando remontar o tempo em que a Educação Sexual passou a ser tema nas escolas, encontramos nos estudos de Sayão (1997), um relato que se remete a França, como sendo o primeiro país a inserir no seu currículo essa temática, que após um longo período de discussão, no ano de 1973 é definitivamente incorporado ao currículo escolar Francês.

Ainda em Sayão (1997, p.108) a autora nos diz que no Brasil, a história da educação sexual é marcada por momentos de avanços e recuos sistemáticos. Apesar de ser discutida desde década de 1920, só no final da década de 1980, com a experiência do Educador Paulo Freire a frente da secretaria de Educação de São Paulo se teve uma iniciativa oficial de inserção desse tema na rotina escolar, mas, só em meados da década de 1990, é que o Governo Federal com a elaboração dos Parâmetros Curriculares da Educação Nacional – PCN's, inclui a temática no currículo escolar.

A educação sexual em muitos momentos ocorre de maneira fragmentada ou equivocada, ficando para a instituição escolar toda a responsabilidade sobre o assunto. Sendo um processo da vida inteira, é preciso que haja um entrosamento entre família e Instituição Escolar, quando se trata de um assunto tão pertinente e importante como é a educação sexual. As dúvidas das crianças precisam ser esclarecidas de maneira clara e objetiva, pois o constrangimento dos pais, segundo relato das educadoras entrevistadas, sobre o assunto aumenta a falta de informação, faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual.

É um tema muito amplo e pouco discutido, mesmo sendo algo da natureza humana, pois os educadores, a família e de certo modo a sociedade ainda não possuem clareza e segurança suficiente para abordar esse assunto.

Partindo do exposto, surgiu a intenção de se pesquisar sobre o tema, a fim de compreender como vem sendo trabalhada a educação sexual nas escolas, procurando identificar as estratégias de superação na abordagem dessa temática.

A temática da Educação Sexual já é objeto de estudo há muito tempo, sobretudo quando se pensa na questão da sexualidade vista de forma histórica.

Nessa perspectiva, falar de Educação Sexual, nos leva a falar de sexualidade, e este também constituem como sugerem Nunes e Silva (2000, p. 32) “os significados de coerção, domínio, preconceito, embargo do indivíduo, anseio, amor,

prazer, vida, morte, autoridade, gênero, perversidade, opção sexual e construção de papéis sexuais”. Por fim, de todas as representações sociais que giram em torno dela na sociedade.

Em meio a toda essa discussão, sentimos a necessidade, antes de qualquer consideração sobre sexualidade, de explicar o que é Educação Sexual. Nesse contexto, para alguns autores, como a médica e sexóloga Marta Suplicy (1998, p. 54):

A Educação Sexual é um processo formal e informal, sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus, preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos, cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade.

Para a sexóloga, o processo do esclarecimento da Educação sexual pode se dar em qualquer ambiente, numa praça, numa sala, embaixo de um pé de árvore, o principal nisso tudo é procurar levar as pessoas a terem uma maior consciência a respeito do tema.

O esclarecimento sobre a Educação Sexual pode ocorrer de forma simplista, mas não deve, por se tratar de um tema tão complexo, a partir de informações repassadas por algumas instituições públicas ou privadas. Independente do local, o importante é que as informações sobre *sexualidade* sejam repassadas à população com a intenção de uma conscientização. Chamamos atenção para que esta informação seja pensada com a delicadeza de observar linguagem, incluir os pais nesta discussão sobre os temas, entre outras variáveis que precisam ser observadas.

Observando a literatura, vemos que a Educação Sexual, vem ao longo do tempo sofrendo vários preconceitos, fundamentados em conceitos morais, que não mais se adéquam a realidade atual. “Após muita luta é que esse tema ganhou a notoriedade, credibilidade e importância que ele merece” (NUNES E SILVA, 2000).

É imprescindível reconhecermos que a presença do sexo na vida humana é algo inato, que vem da nossa natureza animal, utilizado para perpetuação da nossa espécie através da reprodução, ou mesmo numa visão mais contemporânea para se ter prazer.

Percebe-se claramente na consulta bibliográfica que realizamos, que o tema da sexualidade, vem sendo objeto de estudo nas universidades, com temáticas que discutem a sexualidade nas escolas tanto pública como privada. Nesse contexto,

faz-se necessário a inclusão da orientação sexual nos currículos escolares, procurando minimizar, por exemplo, uma gravidez indesejada na adolescência além da prevenção as doenças sexualmente transmissíveis, quando não se tem a devida prevenção, dentre outros.

Desde o seu surgimento, a Educação Sexual não é um tema consensual, antes gerou várias abordagens e discussões, preconceitos e tabus, mas deixando clara a preocupação com o bem estar da pessoa, ao tempo que procura diferenciar a Educação Sexual do preconceito ao sexo.

Reportando-se as palavras de Furlan (2004, p. 8)

[...] Faz-se necessário considerar que a educação não se reduz à escolarização ou a instrução, uma vez que é entendida como um processo educativo que se encontra conectado com todos os componentes explícitos ou implícitos, formais ou não formais intencionais que ocorrem nas relações sociais [...]. Em face disso, considera-se a relevância que a educação sexual precisa ter em todos os aspectos sociais, uma vez que esta se situa num momento social e histórico.

A educação sexual exige que os educadores, em especial, estejam embasados teoricamente e sejam detentores e conhecedores de toda a concepção filosófica e histórica que norteia o processo dessa educação, bem como que a escola contemple através do Projeto Político Pedagógico a concretização da mesma.

2.1 Sobre Sexualidade

A sexualidade, aparentemente reduzida às escolhas sexuais de âmbito privado, teria toda a sua complexidade circunscrita a uma esfera pessoal. Porém, na contemporaneidade, com a emergência dos estudos sobre as identidades, as sexualidades passam a ser entendidas como sendo:

[...] são sempre políticas, num sentido mais amplo, construções recalcitrantes que desafiam as categorizações mais tradicionais das ciências sociais e das relações de poder estabelecidas. Profundamente pessoais e, ao mesmo tempo, altamente políticas, elas podem transcender o público e o privado, o individual e o coletivo (CARVALHO, 2003, p.52-53).

Nesse sentido, ao se estudar essa temática, o grande desafio foi o de desvendar essa dimensão social da sexualidade e a suas implicações na construção

das subjetividades, a partir das quais as relações sociais são estabelecidas na vida do ser humano.

Para Carvalho (2003, p. 50), “[...] os significados e sentidos que damos à sexualidade são produtos de muitas influências sociais organizadas e balizadas por uma variedade de ‘negociações’, orientadoras do comportamento sexual”.

Percebe-se na análise realizada que por muito tempo a proibição do uso da palavra impôs a censura ao sexo por meio dos discursos sobre ele. Nesse cenário a escola sempre esteve submetida ao crivo da moral vigente, tornando-se lugar “[...] senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição [...]” (FOUCAULT, 1997, p.22).

A censura da palavra, porém, não significou a censura ao sexo, como bem nos retrata Louro (2001, p. 81)

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”.

Como se pode observar, não adianta não querer reconhecer a existência da sexualidade, ela não pode mais ser omitida no trabalho educativo. Com os PCN’s, a escola se vê na eminência de ter que falar sobre ela:

[...] propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. [...] propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade... (MEC, 1997, v.10, p.122).

Para exemplificar esta existência, recordo de uma situação em sala de aula na Escola que leciono, em que uma aluna experienciou sua menarca e chamou a professora para ajudá-la e a professora abandonou a sala de aula, não sabendo lidar com a situação. Observou-se que esta aluna sempre faltava um semana de aula por mês após este episódio, ou seja, no seu período menstrual ela deixava de ir a Escola.

Nesse cenário, não basta reconhecer a presença da sexualidade, o grande desafio é entender a sua presença polimorfa:

Por serem [as sexualidades] invenções históricas, em contínua relação com o poder e construídas numa complexa rede de práticas sociais – legal, educacional, médica, moral e pessoal -, elas podem ser assumidas ou rejeitadas pelos indivíduos. Podem ser vistas como lugar de contestação [...], particularmente aquelas que desafiam as imposições da natureza biológica (CARVALHO, 2003, p.51).

Diante o exposto, resta-nos saber as concepções de sexualidade que norteiam as práticas educativas da escola e, como vem se dando a inclusão de temáticas antes marginalizadas, como a homossexualidade, no trabalho com as sexualidades.

São inúmeros os desafios sobre a sexualidade que se apresentam aos docentes, gerados por situações cotidianas, como por exemplo, programas divulgados pela mídia televisiva, revistas periódicas, propagandas entre outros.

Muitos(as) daqueles(las) que se dedicam a pesquisar este campo fazem referência aos estudos de Michel Foucault, em especial à sua obra *História da sexualidade*, 1997. Tal referência implica assumir, nas palavras do filósofo, que “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico” e que “não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria pouco a pouco desvelar” (FOUCAULT, 1988, p. 100).

FOUCAULT, 1997, p. 244, diz:

Através deste termo tento demarcar (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos

Ele supõe que entre esses elementos exista “um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções”. Para Foucault, o dispositivo pode ser visto “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”. Tais indicações nos fazem reafirmar, portanto, que, tal como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico, como sendo produzida na cultura,

cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade.

Ampliando esse debate, encontramos em Louro (2000, p. 13), a complexidade da relação entre as características de transitoriedade e de contingência e as identidades de gênero e sexuais. Segundo ela, "a admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a 'essência' do sujeito".

Por mais que nos esforcemos por enfatizar o caráter social e cultural das identidades de gênero, é impossível negar a sua marca biológica, a qual determina, através do sexo, a primeira distinção social dos indivíduos.

É bem verdade, que para nós interessa o aspecto relacional da construção das identidades de gênero. Sobre esse caráter relacional é importante destacar a contribuição de Bourdieu (1999, p.34):

Tendo apenas uma existência *relacional*, cada um dos gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como *corpo socialmente diferenciado* do gênero oposto (sob todos os pontos de vista culturalmente pertinentes), isto é, como *habitus* viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino.

É necessário, explorar mais e divulgar, com trabalhos mais sistemáticos junto às escolas, o que implica efetivamente, o gênero como uma categoria analítica, favorecendo a identificação de situações onde as relações de gênero, estabelecidas assimetricamente estão operando e a partir daí, colaborar para desconstruir os mecanismos que estabelecem a hierarquia, o desrespeito ao outro.

Desta forma, as práticas sociais devem buscar, prioritariamente, que as diferenciações subjetivas sejam contempladas e respeitadas nos diversos grupos.

3 AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Fazendo um paralelo entre o que encontramos na literatura e o que vivenciamos no dia a dia em sala de aula, mesmo sem que tenhamos efetivamente aplicado um instrumento de pesquisa, podemos perceber que estamos longe de alcançar o verdadeiro sentido do que se propõe a educação sexual na escola, no que adotaremos o conceito de Resenberg (1985) para quem o trabalho de

educação sexual na escola é importante no sentido de facilitar o questionamento e possibilitar a aquisição de outro tipo de ideologia sexual.

Nesse sentido, podemos dizer que o principal papel da Educação Sexual é o de colaborar com as crianças e adolescentes no sentido de oferecer elementos que os ajudem a reorganizar seus conceitos sobre a sexualidade, o que na prática pouco acontece, em virtude de diversos fatores, inclusive intrínsecos ao próprio corpo docente da escola.

Dizemos isso porque para que isso de fato ocorresse como nos sugere Barroso (2005), era preciso que a escola desenvolvesse um trabalho sistemático com essa temática, na perspectiva de formar jovens com uma visão crítica sobre os tabus existentes, auxiliando a construir os seus próprios valores e conceitos sobre sua sexualidade. Porém pensamos que, sugestões como esta do autor citado existem em grande proporção, porém o que não é dito é como tem de ser feito este trabalho.

Sobre essa questão compartilhamos do pensamento de Barroso (2005) que nos alerta para o fato desse trabalho não poder ser feito apenas com os adolescentes e crianças é preciso envolver os pais, uma vez que é o principal agente de formação desses jovens e onde se encontram os grandes tabus a serem superados, o que sabemos não acontecer.

Tendo em vista os tabus, as incertezas, dúvidas e preconceitos que mapeiam o tema da sexualidade tornam-se difícil para o professor identificar o que seria de domínio do “coletivo” e do que seria de domínio da vivência pessoal. A confusão se estabelece, em alguns momentos, inclusive no que se refere à própria intimidade do professor.

Assim, o trabalho da Educação Sexual na escola deve se dá através de atividades sistemáticas preparadas e executadas por educador(a) preparado(a) para abordar as questões relativas a sexualidade humana.

Ao trazer para si a responsabilidade de trabalhar as atividades de educação sexual, não implica dizer que a escola deva abordá-la com a mesma lógica que caracteriza as demais áreas de atuação pedagógica. Ao contrário, por se tratar de uma temática cercada de tabus e preconceitos é necessário que se adote uma postura metodológica que possibilite um verdadeiro desbloqueio da linguagem, bem como de valorização de outras formas de comunicação para além da palavra.

Nessa perspectiva, ao se trabalhar com essa temática é preciso pensar a vida em sua totalidade, levar em consideração que a sexualidade faz parte de um projeto de masculinidade e feminilidade em construção e esse processo será sempre desencadeado a partir da vivência das crianças sobre o tema.

Caberá aos educadores organizar o material de forma que oportunizar as crianças e adolescentes refletirem sobre sua sexualidade. A ampliação das informações e a revisão crítica das condutas pessoais e sociais ocorrerão no decorrer do processo com o necessário cuidado e respeito à diversidade de opiniões e valores dos educandos:

Ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. (PCN, 1997, p. 122)

Como podemos observar, o papel do educador é o de facilitar uma reflexão crítica, oportunizando aos seus educandos refletirem sobre um processo natural do ser humano, respeitando as diversidades e limites de cada um.

Nesse sentido, é preciso buscar uma abordagem equilibrada que valorize igualmente a dimensão cognitiva e emocional do sujeito, resgatando aspectos do cotidiano de cada um e os sentimentos experimentados nesse cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica é, sem dúvidas, uma das etapas mais importantes e gratificantes na nossa formação acadêmica, se tornando indispensável para o nosso processo de formação. Embora que ela tenha sido feita apenas de forma bibliográfica, o contato com os diversos autores, nos permitiu superar tabus e reconstruir nossos conceitos a cerca de um tema tão pertinente ao universo educacional.

A pluralidade teórica e temática que se desenhou neste artigo aponta, justamente, para a certeza de que os que por esse tema se interessam, puderam dispor de uma riqueza bibliográfica, que possibilita ao pesquisador formular hipóteses, bem como reformular outras perguntas que já foram feitas e tentado

responder, muitas vezes nem tão novas, que nos possibilita uma reflexão, no mínimo, instigantes e necessárias.

Assim, os modos de ver, ler e fazer o mundo em que vivemos, reiteram, nas suas diferenças, o nosso papel enquanto sujeitos de questionar o quanto, e como, os conteúdos apresentados na escola favorecem para um afloramento de nossa sexualidade.

Partindo de inúmeras leituras e visões, compreendemos que as escolas, de maneira geral, ainda lidam de forma muito velada com a sexualidade.

Outro risco que é o de a orientação sexual se tornar uma matéria obrigatória. Na orientação sexual a aprendizagem é feita pelo corpo todo, o corpo aprende, somos um corpo, e a educação tradicional despreza o corpo, busca só uma aprendizagem intelectual.

A orientação sexual é, sem dúvida alguma, um caminho para que se discuta de forma orientada, a descoberta do nosso próprio corpo, que no período da infância e adolescência passa por transformações que mexe com o ser humano e que precisa ser compreendido como um processo natural do nosso corpo.

Através deste artigo, fica claro o quanto ainda precisamos discutir essa temática de forma mais profunda, procurando compreender implicações sociais, subjetivas e políticas da inclusão do tema da sexualidade na educação.

Por fim, o que estes referenciais teóricos nos apontam é que, ao discutir essa temática deveríamos estar de algum modo, fazendo uma analítica de processos sociais mais amplos que marcam e discriminam sujeitos como diferentes, tanto em função de seu corpo e de seu sexo quanto em função de articulações de gênero e sexualidade com raça, classe social, religião, aparência física, nacionalidade, etc. E isso demanda tanto a ampliação e complexificação das análises que precisamos desenvolver quanto uma re-avaliação profunda das intervenções sociais e políticas que devemos, ou podemos fazer.

ABSTRACT

The issue of sexuality is very present in our classrooms, with early upwelling and misrepresented our children regarding issues pertinent to this topic. Regarding Sex Education, the inclusion of the topic in the curriculum, occurred in the 1990, when schools are "called" to deal with relationships that involve sexuality and gender. This article aims to identify the evolution of sex education in the educational field. Used as an research methodology, literature, qualitative, this enabled us to further clarification in relation to the main theoretical questions about these issues. However, the character of the work did allow

us to present conclusions, the data and analyzes that we developed to demonstrate the precariousness that sex education has reached the daily life of schools and the need for further research into the issue, and somehow still even if it is just crafted an interdisciplinary way.

Word-key: Sexuality, Gender, Sexual Education.

REFERÊNCIAS

BARROSO,C, e BRUSCHINI. **Sexo e juventude. Como discutir a sexualidade na escola e em casa.** São Paulo, Cortez, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** (trad. Maria Helen Kuhner). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural e orientação sexual – temas transversais. Brasília, v. 10, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 2000. (Coleção Educação em pauta).

CARVALHO, Mauro Giffoni de. **Sexualidades em psi-maior:** identidades sexuais e contemporaneidade. Belo Horizonte: Pulsar, 2003.

FLEURI, Reinaldo Matias. **A questão da diferença na educação:** para além da diversidade. In: Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd), 2002, Caxambu. CD-ROM.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. (trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Microfísica Do Poder,**(org)Roberto Machado,Riode Janeiro, Ed. Graal, 1988.

FURLAN, Samira. **Sexualidade e Educação Sexual: fundamentos e normas.** In: Sexualidade e Educação Sexual: Um estudo sobre as representações das acadêmicas do curso de pedagogia da UnC. Concórdia 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde Humana)-Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.UnC.Universidade do Contestado de Concórdia.

LOURO, Guacira Lopes.. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. “**A educação sexual na escola**”. Cadernos de Pesquisa, n. 53, p. 11-19, mai. 1985.

SAYÃO, Rosely. **Saber o sexo**: os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio G. (org.) *Sexualidade na escola: alternativas históricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1998.

YUS, Rafael. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.